O FIO DAS METÁFORAS NO CONTO “O HOMEM CADENTE”, DE MIA COUTO

*Erivelto da Silva Reis**

Resumo: O presente artigo propõe a análise da construção metafórica presente no conto “O homem cadente” da obra *O fio das miçangas*, do autor moçambicano Mia Couto (São Paulo: Cia das Letras, 2009). Há a intenção de demonstrar que a estruturação comparativa ou ilustrativa das metáforas propõe uma leitura lúdica e lírica da narrativa produzida pelo autor, que, intencionalmente, representa, em sua obra literária, de forma objetiva e direta, os elementos/indivíduos que constituem o contexto, o espaço ficcional e geográfico e seus personagens (reais ou ficcionalizados) e potencializar, através das metáforas, os signos e os símbolos para os leitores, familiarizados ou não, ao contexto, tempo, espaço e aos personagens presentes no conto. Será utilizado, como apoio teórico, a obra *A magia das letras africanas: ensaios sobre as literaturas de Angola e Moçambique e outros diálogos*, de Carmen Lucia Tindó Secco.

Palavras-chave: Conto; Metáforas; Moçambique; Mia Couto; Literatura.

*Secco é o rio fértil que atravessa
As literaturas africanas.
É sua ascendente, renascente
Secco é o ar que se lavra
Na busca do chão, da raiz da palavra.*

(ERIVELTO REIS)

Este artigo efetuará uma análise da construção metafórica presente no conto “O homem cadente”, da obra *O fio das miçangas*, do autor moçambicano Mia Couto. Há a intenção de demonstrar que a estruturação comparativa ou ilustrativa das metáforas propõe uma leitura lúdica e lírica da narrativa criada pelo autor, que, intencionalmente, produz um texto capaz de criar, em sua obra literária, de forma objetiva e direta, os elementos/indivíduos que constituem o contexto, o espaço ficcional e

* Escritor e poeta, especialista em Estudos Literários pelas FIC, especialista em Literaturas Portuguesa e Africanas pela Faculdade de Letras da UFRJ e Mestrando em Literatura Portuguesa Contemporânea pela Faculdade de Letras da UFRJ; Professor das FIC.

geográfico e seus personagens (reais ou ficcionalizados) e potencializar, através das metáforas, os signos e os símbolos para os leitores, familiarizados ou não, ao contexto, tempo, espaço e aos personagens do conto.

Será utilizado, como apoio teórico, a obra *A magia das letras africanas: ensaios sobre as literaturas de Angola e Moçambique e outros diálogos*, de Carmen Lucia Tindó Secco.

As literaturas africanas destacam-se, sobrevivem e propagam-se por sua qualidade. Cada vez mais, à medida que se realizam estudos e pesquisas, que as obras são publicadas, que se conhecem os contextos e as situações deflagradoras das ficcionalizações, a recriação de mitos, lendas, e folclores, tomados à oralidade; os resgates da memória, da história, a estruturação e a reinvenção do processo narrativo literário, percebe-se que o mito do "bom selvagem", do africano puro, ingênuo, e que, mesmo compreensão de que haja somente uma etnia, uma única cultura, uma única literatura, são conceitos infundados e equivocados que dificultam ou inviabilizam a compreensão e a percepção da dimensão grandiosa da produção artística, literária e cultural das literaturas de África. Segundo Pires Laranjeira:

Podemos dizer que, no momento em que escrevemos, se assiste a uma liquidação (ao repensar literário) dos antigos mitos, sonhos, realidades e utopias, estando a escrever-se, na narrativa, um novo capítulo da história dessas cinco literaturas, que é, possivelmente, o da perplexidade e da incerteza contemporâneas, verificável nas obras de José Eduardo Agualusa, Germano de Almeida, Pepetela e Mia Couto. Resta saber, face às contingências e solicitações da instituição literária, na contemporaneidade pós-colonial, se as literaturas africanas se deslumbrarão com a sociedade do espetáculo ou se hão-de inscrever na continuidade de um casticismo intemporal, tendo a capacidade de engendrar e de expressar novas utopias e esclarecimentos. (LARANJEIRA, 2001, p. 193)

A partir da afirmação de Pires Laranjeira sobre as características e ou a evolução da temática das literaturas africanas e, em um contexto específico, sobre as literaturas africanas de língua portuguesa percebe-se que, para os pesquisadores brasileiros e para o público leitor, há um manancial de excelentes textos, escritos por excelentes autores, que nada devem, em termos de qualidade, autenticidade e criatividade aos chamados cânones literários ocidentais, para usar a expressão popularizada pelo crítico americano Harold Bloom.

Segundo Secco:

O magnetismo exercido pelas literaturas de Angola e Moçambique, da qual ora nos ocupamos, advém, pois, de várias formas de magia. Uma dessas resulta, em parte, da presença da oralidade reatualizada, de forma inventiva [...] Ainda hoje, vários escritores se mantêm atentos ao caráter infundável dessas fórmulas orais, cientes de que as "fronteiras móveis da oralidade se tecem pela contagem interminável das contas do colar da vida, nas suas voltas e mais voltas ao redor do fio". Dessa consciência partilham não só a poetisa angolana Paula Tavares,

[citada entre aspas – grifo nosso] mas diversos outros autores, entre os quais, por exemplo, Mía Couto. (SECCO, 2008, p. 26-27)

A partir do que afirma Secco, em decorrência de suas pesquisas, percebe-se a afirmação de que as literaturas africanas reinventam-se e reatualizam-se, mesclando oralidade e manipulação da linguagem escrita. Não seria exagerado, portanto, apresentar as metáforas, não apenas como recursos de estilo e figuras de linguagem; mas como fatores que possibilitam que os gêneros literários se tornem, tantas vezes, híbridos de prosa e poesia que se projetam e potencializam a cognição das obras pelos leitores em qualquer parte do mundo.

As literaturas africanas de língua portuguesa têm angariado, a cada novo título publicado, o respeito e admiração de leitores de diferentes partes do mundo. E, entre os motivos para esse destaque, não se pode considerar que o interesse advenha somente da curiosidade pela produção literária de países saídos da traumática experiência de guerras.

Entende-se a proximidade entre a História e a Literatura, suas interações e a distinção entre o objeto desta e daquela. Percebe-se, porém, que a tênue linha que as une e as separa, confunde não apenas os leitores, mas, não raro, pesquisadores que tomam esta por aquela e vice-versa. Segundo observou Erich Auerbach:

O modo de observar a vida do ser humano e da sociedade humana é fundamentalmente o mesmo, quer se trate de assuntos do passado ou do presente; uma modificação do modo de observar a história, necessariamente, se transfere, sem demora, à observação dos assuntos presentes. Quando se reconhece que as épocas e sociedades não devem ser julgadas segundo uma concepção modelar daquilo que é absolutamente digno de esforço, mas segundo as suas próprias pressuposições; quando se contam entre essas pressuposições não somente as naturais, como o clima e o solo, mas também as espirituais e históricas, da incomparabilidade dos fenômenos históricos e sua mobilidade; [...] mas também na arte, na economia, na cultura material e espiritual, nas profundezas do dia-a-dia e do povo, porque só lá pode ser apreendido o verdadeiramente peculiar, o que é intimamente móvel, o que tem validade universal, tanto num sentido mais concreto, quanto num sentido mais profundo; [...] (AUERBACH, 2009, p. 395)

Considerando-se, portanto, segundo o que destacou Erich Auerbach (2009) em seu estudo sobre o conceito de *Mimesis*, que a observação e, conseqüentemente, a escrita dos processos artísticos e históricos pode confundir-se, resta, concretamente para diferenciá-los, não apenas a observação e a escrita, mas, sobretudo a maneira como se dá a escrita e a maneira de interpretá-la.

Se a História, a escrita factual, individual, coletiva e ficcional, decorrente da observação das trajetórias das sociedades, está em constante transformação, vê-se na Literatura, escrita

subjetiva, resgate de fragmento histórico, divulgação de sensações e impressões do espírito humano, a forma de contar com arte, a criatividade e a inventividade do espírito humano e a manipulação consciente das linguagens possíveis aos indivíduos.

Quando são abordadas, a inventividade e a criatividade humana, no contexto das literaturas africanas de língua portuguesa e a capacidade de manipulação das linguagens, sobretudo, da linguagem literária, necessariamente, discute-se a obra de Mia Couto que é, definitivamente, um criador de surpresas. Quer seja na poesia, quer seja na prosa, esse autor moçambicano consegue redimensionar, por meio de sua escrita, os espaços ficcionais pelos quais transitam suas criações. E, a partir da expressão "redimensionar", entenda-se a sua prática, quase obsessiva, da aproximação entre a prosa e a poesia.

A autora Rita Chaves observa que as "questões envolvendo a formação de sua identidade ganharam força, mas se enquadram num espaço de tensão, fazendo-se movimento e, de maneiras diferentes, desembarcaram no terreno, também ele movediço da poesia". (CHAVES, 2005, p. 221). Talvez, Mia Couto crie espaços de tensão entre a prosa e a poesia, não como uma marca definidora de gênero ou como uma opção estética e estilística, mas como alguém que escreve literatura porque vive a literatura de forma ampla e a faz interagir com todas as modalidades do conhecimento humano a ele acessíveis.

Considere-se, ainda, seu poder de criar surpresas na construção de incontáveis neologismos, na maneira como seus axiomas, usados no contexto ficcional, surgidos na fala de seus narradores ou de seus personagens, extrapolam as questões implícitas ao contexto das narrativas e se transformam em pérolas poéticas e filosóficas, percebidas por seus leitores nos enredos de seus contos e romances; na forma como desenvolve seus temas, na ficcionalização de personagens extraídos de passagens históricas, na maneira de retratar o povo moçambicano e as relações entre o mundo e os estigmas relativos aos países africanos. Segundo Carmen Lucia Tindó Secco:

Que a oratura se revele como um dos traços agenciadores do fascínio despertado pelas literaturas angolanas e moçambicanas é ponto pacífico. Todavia, não é único vetor da magia que emana dessas letras. Outros procedimentos – também encontrados em qualquer parte do mundo, entre os quais: o trabalho com a memória e as tradições; e o repensar crítico da história, dos mitos e do animismo religioso; a metalinguagem a ludicidade poética; o humor e a paródia – ganham formas peculiares ao se interseccionarem com vivências históricas, visões de mundo e estilos próprios de cada escritor ou poeta, cujos discursos se tecem de acordo com suas perspectivas ideológicas e sociais, com o uso que fazem da língua portuguesa (em vários casos, reinventada por elementos das línguas africanas locais), com seus valores morais, crenças e sentimentos, enfim, com suas idiossincrasias. (SECCO, 2008, p. 30)

Não se pode supor apenas que o contexto histórico da guerra, da exploração ou do misticismo proveniente da difusão oral ou do resgate, através da escrita, das lendas, do folclore e das tradições dos países africanos seja suficiente para, além do fascínio e da curiosidade natural por aspectos antropológicos e sociais, caracterizar, justificar e sustentar a qualidade da produção e o interesse cada vez maior pelas obras de literaturas africanas, especialmente, pelas obras de Mia Couto.

O presente artigo justifica-se por sua clara intenção de assinalar a qualidade literária das obras de Mia Couto – como um expoente do rol dos importantes e premiados nomes das literaturas africanas – especialmente, pela construção metafórica do conto *O homem cadente*, texto integrante da obra *O fio das miçangas* (COUTO, 2009, p. 15-19).

No conto “O homem cadente”, o narrador conta a incrível história de um homem que despenca – parece despençar – de um prédio; mas que, na verdade está pairando no ar. Comparando-o, nessa situação, desde o sugerido pela escolha do título, a uma estrela cadente, que chama a atenção pelo brilho e pelo fulgor, pela indeterminação geográfica de seu ponto de impacto e por seu irreversível movimento de queda.

No decorrer do conto, o narrador, ao descrever o incrível caso de um homem que paira no ar, aproveita para criticar a fome, a exploração dos homens e das notícias sobre os homens, o fanatismo, a política, a crítica que delira e inventa explicações mirabolantes para fatos simples, ou que pretenda suplantam as obras as quais analisa, a falta de união entre os indivíduos, que só se unem para presenciar a desgraça alheia. À medida que se lê o conto, descobre-se que o que parece fantástico e mítico é a narrativa de um sonho. Naturalmente, infere-se que no espaço onírico do sonho, as possibilidades imaginativas suplantam as limitações físicas do homem, de sua moral, de suas capacidades e de sua percepção. Porém, para a surpresa do leitor, o narrador afirma ainda ser possível ver o personagem alado após ter acordado, em dia posterior ao sonho e mais: defrontar-se não apenas com o personagem principal do sonho, como também com a materialização da moça enigmática que a seu lado testemunhara o “destrapezista” Zuzé Neto.

O autor utiliza-se de neologismos: “ladainhando”, “descrucificado”, “avegação”; a subversão de ditos populares: “sem tirar nem opor” e “Afiml, mais valia um pássaro.”; e as comparações diretas: “pairando como águia real”, “não tinha outra explicação senão a lágrima”, “não secaria com um tubarão em salmoura”.

Entende-se, ainda, que o texto é uma metáfora maior, que aborda a existência e a função do escritor, numa forma de narrativa metafictional. Lançar-se do prédio significaria lançar-se como autor no abismo da escrita, da linguagem; lançar um livro. Sobre as críticas feitas ao gesto

tresloucado de Zuzé Neto, vêem-se as reações dos elementos presentes na sociedade, relatadas no conto, que se aplicam, igualmente, às reações de segmentos sociais à figura do escritor e às provocações de seus textos. Posicionam-se os leitores, os críticos, as autoridades políticas e religiosas e, nem sempre, posicionam-se a favor da obra ou do escritor. Outras vezes a ficcionalização da realidade é criticada, mas não se analisa a motivação da obra.

A própria confusão entre o que é o sonho e o que é lúdico; entre o que é realidade e o que é ficção, na vida e na obra do escritor, surge pela metáfora de um narrador que enxerga, com nitidez, através do sonho, mas parece perceber a realidade como relativa representação de uma névoa para uma supra-realidade. Uma espécie de conceito platônico metafísico em que há um mundo de aparências que nos prepara para uma outra realidade, mais verdadeira, espiritual e completa.

A metáfora do “homem cadente” aplica-se perfeitamente ao fulgor da existência do escritor. Ora considerado “o novo Cristo”, o “anticristo”; ora chamado de “antidemocrático”, “privilegiado”, “exibido”, “polemista”. “Cadente”, porque brilha intensamente por período curto e depois se esmaece até desaparecer, ou tornar-se pouco observável (pouco lido); (de) cadente, porque malsucedido, incompreendido.

Com relação às metáforas intratextuais do conto “*O homem cadente*”, o primeiro ponto a ser analisado, é a proximidade entre as funções narrativas de narrar e contar, presente no conto, uma vez que a oralidade, caracterizada pelo lapidar e pelo cuidado com que o autor elabora os diálogos de seus personagens, aparece com destaque nas obras de Mia Couto e seus personagens e seus narradores não apenas narram a história, mas a contam, quase como se fosse em particular a cada um de seus leitores.

A proximidade entre narrar e contar é algo determinante na constituição das metáforas nas obras do autor moçambicano. A combinação entre literariedade e oralidade, possibilita ao autor a criação de metáforas em apenas uma palavra – um neologismo, por exemplo – utilizada por um narrador ou um personagem.

Para demonstrar essa afirmação, serão relacionadas algumas metáforas criadas, a partir dos neologismos presentes no conto “O homem cadente” (2009, p. 15-19).

a) depressavam – deixavam de ter pressa. (p. 15, §3º)

b) desabismado – não é que o personagem tenha deixado de ficar surpreso. Ele se jogou de um prédio tal qual se fora de um abismo, mas, surpreendentemente, paira no ar. (p. 15, §4º)

c) aranhava – na tentativa de observar o que ocorrera com seu amigo, que se atirara de um prédio, o narrador fazia movimentos semelhantes aos de uma aranha. (p. 15, §5º)

d) destrapezista / desacontecimento – mesma estrutura de “desabismado”. Acontece como evento, mas não acontece como se subentende como ordem de uma sequência natural ou de uma função específica. (p. 18, §22 e §28°).

e) avegação – navegação das aves. (p. 19, §30°)

Outras metáforas no conto de Mía Couto são comparativas de forma e função, sentido e percepção, sensações e sentimentos (sinestésicas).

a) “que tropeção derrubara sua vida?” (p. 15 §4°)

b) “descolorindo os encantos” (p. 15 § 4°)

c) “em artes de aero-anjo” (p. 15 § 5°)

d) “naquele estado de pelicano” (p. 16 § 6°)

f) “não fosse o respingar de sua voz, ladainhando” (p.17 § 19°)

g) “a realidade é mais rasteira, feita de peso e de pés na terra.” (p. 18, § 29°)

h) “o competente azul, a evasiva nuvem” (p. 19 § 30°)

h) “Onde ele anda, é outro céu.” (p.19 § 35°)

Evidentemente, o próprio conceito de metáfora, não se esgota segundo uma breve definição, sendo alvo de estudos e pesquisas dos mais variados teóricos e despertando polêmicas, quando do confronto de tais definições que parecem não dar conta das possibilidades infinitas das combinações no texto literário.

Segundo Massaud Moisés:

Por ser empregada de modo direto e imediato, a metáfora é congenial à poesia: a concisão tensa, ou ambígua, ou paradoxal, ou irônica, assinalada pelos “novos críticos” [grifo do autor] norte-americanos como peculiar ao tecido poético, resulta justamente do uso maciço e sistemático da metáfora. A despeito de haver poemas menos metafóricos que outros, a tendência é para privilegiar a metáfora como a expressão mais adequada à poesia.

E a prosa de ficção, visto que participa da Literatura, também recorre à metáfora, mas com uma distinção fundamental: não a utiliza de forma direta e imediata [...] é a globalidade da significação de um conto, romance ou novela que ilumina o conteúdo semântico das metáforas disseminadas pelo texto. De onde parecem de grau 1 quando focalizadas individualmente, e de grau maior quando analisadas à luz da totalidade da narrativa. (MOISÉS, 2009, p. 288)

Naturalmente, a definição apresentada por Massaud Moisés (2009), embora dê conta de um conceito genérico a respeito da natureza da metáfora, – não sendo, evidentemente, a única, nem a melhor definição possível para o conceito de metáfora – não é resultado da análise específica do processo de construção metafórica nas obras de Mía Couto, não obstante, possibilite uma visão estrutural das metáforas utilizadas pelo autor moçambicano.

Destaque-se, porém, que as metáforas utilizadas por Mia Couto exercem funções específicas dentro da narrativa. Atendem à necessidade de refletir o dizer do espírito, a visão de mundo de um narrador ou dos personagens, a sinestesia de sensações e sentimentos, a comparação explícita que fomenta a denúncia, a ironia fina que sublima o silêncio, a ponte entre os espaços, o cotidiano, as situações e os objetos descritos nas narrativas e a desconstrução de uma visão exótica que, eventualmente, não interesse à narrativa. De igual maneira, a relação específica entre a motivação literária da criação dos neologismos, a utilização de epígrafes e a estruturação poética e filosófica dos axiomas que o autor distribuiu com precisão cirúrgica entre os narradores e os personagens presentes em suas obras e, extratextualmente, revelam apuro técnico, domínio absoluto da linguagem de suas figuras e de suas funções, posicionamento ideológico, conhecimento e reconstrução histórica, valorização da memória e do povo moçambicano.

De acordo com Carmen Lúcia Secco, a descoberta de “sentidos poéticos profundos que os recolocam além das fronteiras da razão convencional, às margens do inefável, onde vida, poesia e linguagem se enlaçam, fluindo à procura do infinito.” (SECCO, 2008, p. 70), há a coexistência de combinações de sentidos, justificativas para a criação poético-literária das metáforas, por parte do autor, e a sua utilização específica em cada obra, bem como a distribuição entre narradores e personagens, ao longo de um conto, de um poema ou de um romance, sucedem ao desejo de contar uma história e possibilita recortes, fragmentos e resgate da memória, o oferecimento da visão de outro aspecto de um fato histórico, a partir de sua recriação pela ficcionalização.

Possivelmente, de forma destacada, a valorização da experiência humana, quer seja na Moçambique de sua formação, no país de sua idealização, mas, sobretudo em qualquer lugar do mundo, onde alguém tenha contato com uma obra de arte, com o texto literário e se emocione a partir de sua leitura.

Considere-se que a escolha do tema, a forma de contar, o estilo de narrar e as metáforas ou, o fio que entrelaça essas metáforas, ou a manipulação das figuras de linguagem e da própria linguagem, qual títere teatral e circense, potencializa-se e pluraliza-se pela polissemia intrinsecamente presente no cerne das obras de Mia Couto.

O autor combina os gêneros e cria metáforas para que, cada vez mais, suas histórias ganhem o mundo (sejam lidas, conhecidas), falem de seu mundo (falem de Moçambique ou a partir de Moçambique), justifiquem-se em seu próprio mundo (inscrevam-se no rol de obras literárias relevantes), talvez, até ajudem a modificar o mundo (denunciem, emocionem e

transformem). As metáforas, contidas nas obras de Mia Couto, são como os fios de Ariadne, guiando seus leitores, pelos labirintos da linguagem.

Referências bibliográficas

AUERBACH, Erich. **Mimesis: a representação da realidade na literatura ocidental**. 5. ed. São Paulo: Perspectiva, 2009, p. 395.

CHAVES, Rita. **Angola e Moçambique: experiência colonial e territórios literários**. Cotia, SP: Ateliê Editorial, 2005, p. 211-223.

COUTO, Mia. O homem cadente. In: _____. **O fio das miçangas: contos**. São Paulo: Companhia das Letras, 2009, p. 15-19.

LARANJEIRA, José Pires. Mia Couto e as literaturas africanas. In: A construção do ideal nacional e a constituição de novas literaturas em África. **Revista de Filologia Românica**. Lisboa: 2001, p. 185-205.

MOISÉS, Massaud. **Dicionário de termos literários**. 14. ed. São Paulo: Cultrix, 2009, p. 288.

SECCO, Carmen Lucia Tindó. **A magia das letras africanas: ensaios sobre as literaturas de Angola e Moçambique e outros diálogos**. 2. ed. Rio de Janeiro: Quartet, 2008.